

**Do bronze a tela:
a releitura do monumento histórico paraibano *Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga*
através dos elementos da cor e forma**

Cristianne Patrícia Melo AMORIM¹
Paulo Matias de FIGUEIREDO JÚNIOR²

Resumo

Tanto a cor, quanto a forma são elementos da comunicação visual que apresentam grande carga de significado. Através da utilização destes elementos podemos acrescentar às manifestações artísticas sentimentos, emoções e lembranças. Várias obras de Arte, produzidas em diferentes lugares, utilizam estes elementos da comunicação visual e compreender como a cor e a forma conseguem transmitir informação nos ajudará a entender a mensagem que elas ajudam a proporcionar. Neste Artigo, estes elementos são estudados com o objetivo de realizar uma leitura mais acadêmica da pintura produzida pelo artista André Santos, que se apresenta como uma releitura do monumento histórico de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga instalado na cidade de Campina Grande- PB. Esta releitura não só se configura como uma nova obra de arte ou uma transposição de suporte, mas apresenta-se como uma nova visão sobre os músicos ali representados, além de proporcionar uma nova sensação e experiência para o leitor.

Palavras-chave: Cor. Forma. Releitura. Comunicação Visual.

Introdução

Presente no cotidiano, a comunicação é uma atividade que aprendemos naturalmente a realizá-la. Caracteriza-se como uma necessidade humana efetivada para questionar algo, ajudar o próximo, viver em sociedade, compartilhar acontecimentos entre outros. O homem pode se comunicar de diferentes maneiras, seja através de gestos, pela fala, através da prática da escrita ou construção imagética. Esta transmissão da informação pelo visual também é responsável pela emissão e recepção de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE). E-mail: cristianne.melo@gmail.com

² Professor Adjunto do Curso de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, na Universidade Presbiteriana Mackenzie-SP. E-mail: paulomfjr@hotmail.com

conhecimentos, apresentando características bem mais atrativas como cores, texturas e formas, além de muitas vezes, ultrapassar as barreiras da escrita e da fala.

Quase todas as informações que observamos e recebemos estão contempladas com imagens, sejam através de revistas, jornais, da internet entre outros veículos. Contudo, a informação transmitida pelo visual também pode estar presente em uma obra de arte, como na pintura “*A Estação de Saint-Lazare*” de Monet em 1877 (imagem 01), que além de transmitir uma sensação estética e para contemplação da leveza através da fumaça, proporciona ao leitor o conhecimento sobre como se configurava a estação de trem de Saint-Lazare no ano em que a obra foi produzida.



Imagem 01. Claude Monet. *A Estação de Saint-Lazare*, em 1877.

Ou como o *Ready-made* “*Roda de Bicicleta*” de Duchamp em 1913 (imagem 02), que ao mesmo tempo em que sugere movimento pela presença da roda de bicicleta que pode girar, critica o movimento acelerado da humanidade em busca do progresso e da modernidade quando prende a roda em um banco, que gira, mas não a deixa sair do lugar. Ao observar uma obra de arte, estamos não só admirando sua beleza, mas adquirindo conhecimento, seja ele informativo ou puramente estético.



Imagem 02. Marcel Duchamp. *Roda de bicicleta*, em 1913.

Quando o olhar é direcionado para a história da humanidade, pode-se perceber que a imagem já se fazia presente na pré-história, através das pinturas em cavernas. Estas pinturas eram realizadas com o desejo de se comunicar, compartilhar ideias e contar histórias, deste modo, a imagem estática teve sua origem no desenho e esta forma de arte coincide com a origem humana.

No começo, havia imagem. Para onde quer que nos voltemos, há imagem. “Por toda parte no mundo o homem deixou vestígios de suas faculdades imaginativas sob a forma de desenho, nas pedras, dos tempos mais remotos do paleolítico à época moderna”. Esses desenhos destinavam-se a comunicar mensagens, e muitos deles constituíam o que se chamou ‘os precursores da escrita’, utilizando processos de descrição-representação que só conservavam um desenvolvimento esquemático de representações de coisa reais. (JOLY, 2008, p. 17-18)

A imagem acompanha o desenvolvimento da vida humana e é natural a preferência pelo visual, principalmente pela rapidez na absorção da informação, como também pelo uso da visão para intensificar os outros sentidos. Ao ler uma reportagem, observar um catálogo de uma exposição ou até mesmo navegar na internet é comumente a imagem nos chama a atenção.

Não é difícil detectar a tendência à informação visual no comportamento humano. Buscamos um reforço visual do nosso conhecimento por muitas razões; a mais importante delas é o caráter direto da informação, a proximidade da experiência com o real. Quando a nave espacial norte-americana Apolo XI alunissou, e quando os primeiros e vacilantes passos dos astronautas tocaram a superfície da lua, quantos, dentre os telespectadores do mundo inteiro que acompanhavam a transmissão do acontecimento ao vivo, momento a momento, teriam preferido acompanhá-lo através de uma reportagem escrita ou falada, por mais detalhada ou eloquente que ela fosse? (DONDIS, 2007, p.7)

Com as novas tecnologias e a modernização no processo comunicacional, o que é visual passou a ser utilizado em maior escala. Atualmente, a maior parte das informações que recebemos advém de imagens, acompanhadas ou não de textos. Passamos a observar mais o visual, a reconhecer, perceber, desejar e até comprar através deste tipo de comunicação. Contudo, o entendimento de uma mensagem através da imagem depende da forma como ela foi construída, da organização dos elementos, da cor que apresenta, das formas dos objetos e desenhos contidos, depende deste modo do que chamamos de comunicação visual.

A Comunicação Visual, base da construção imagética.

A comunicação visual caracteriza-se como meio de comunicação que se pode construir com signos, desenhos gráficos e ortografia. São meios de comunicação visual: fotografia, cinema, história em quadrinho, moda, *games* entre outros. Para Dondis (2007) a comunicação visual apresenta dez elementos que compõe as imagens por ela produzidas. São eles: o ponto, a linha, a forma, a direção, a cor, o tom, a textura, a escala, a dimensionalidade e o movimento.

O *ponto* é a menor unidade de comunicação visual e apresenta grande atração ao olhar, quando utilizados em significativas quantidades e bem próximos constituem a *linha*. Já este elemento apresenta sua própria energia e nunca é estático, cria esboços e é capaz de apresentar uma forma para aquilo que está somente na imaginação.

Um conjunto de linhas é responsável pela *forma*, que seria a maneira como as coisas e os objetos se apresentam. Já a *direção* visual pode ser resumida em três categorias: vertical/horizontal, diagonal e circular e se constituem como grandes fatores

decisivos no equilíbrio da imagem. A *cor* é responsável pela coloração que os objetos apresentam, já o *tom* está ligado à presença ou ausência de luz, é quando observamos algo mais claro ou mais escuro. A variação deste elemento é responsável, frequentemente, pela diferenciação das informações.

A *textura* é relacionada ao aspecto físico dos objetos (se é rugoso, liso ou áspero), mas, na comunicação visual refere-se à variação mínima da superfície do material e a proximidade com a realidade. Já a *escala*, caracteriza a relação de um elemento com outro, permitindo a comparação entre ambos, se ele é grande em relação ao pequeno, por exemplo, depende também do campo e do ambiente. Comumente é utilizada em associações de tamanho. A *dimensionalidade* é associada ao volume, tamanho, grandeza, profundidade, pode ser considerada como bidimensional ou tridimensional.

E, por fim o *movimento*. Na comunicação visual, este elemento está relacionado com o movimento de leitura - movimento que o olho é capaz de realizar para ler determinada informação -, no mundo ocidental, o movimento de leitura mais conhecido é da esquerda para direita, de cima para baixo, mas geralmente a organização dos elementos em uma imagem induzirá o movimento a ser realizado.

Todos estes elementos podem representar algo e transmitir uma informação, por isso são estudados e aplicados de acordo com a mensagem que a ilustração deseja transmitir. Além disto, existem dois elementos da comunicação visual que estão presentes, praticamente, em todas as imagens: a cor e a forma. Cada um constrói uma relação própria com o indivíduo, gerando não só a informação, mas sensações e sentimentos. A combinação bem sucedida de ambos pode-se tornar um fator primordial para uma boa comunicação.

Entendendo o universo da Cor

Diferente do que se possa imaginar, a cor não tem existência material, ela não é palpável, é uma sensação. Para Farina (2006) a cor é uma sensação visual a todo instante esculpida na natureza. Já para Donis A. Dondis (2007) a cor tem afinidades com as emoções e Guimarães (2003), por sua vez, acredita que a cor também é responsável pela construção de significados, apresentando um caráter informativo.

Enxergamos a cor através da luz, através de um raio de luz branca que, fisicamente descrevendo, atravessa a pupila e o cristalino, atingindo assim, os cones que compõem a fóvea e a mácula da retina no fundo do olho, que decompõe a luz em ondas, e dependendo do tamanho definem a cor (imagem 03).

“O resultado dessa decomposição e de suas infinitas possibilidades de misturas é transmitido pelo nervo óptico e pelas vias ópticas ao córtex occipital, situado na parte posterior do cérebro, onde se processa a sensação cromática”. (PEDROSA, 2003, p.20).

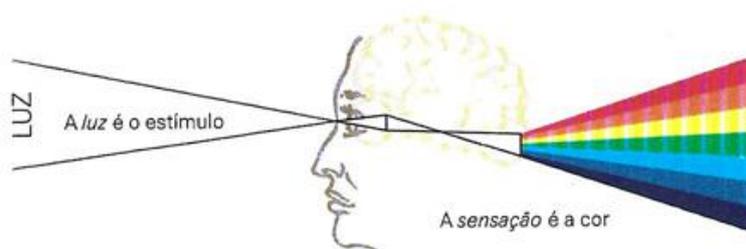


Imagem 03. Processo de visão da cor.

Ou seja, o colorido que vemos é uma produção do nosso cérebro. Faz-se necessário destacar que, a cor que enxergamos depende do objeto visto, por exemplo: um objeto totalmente branco reflete todas as cores; um azul absorve a onda que proporciona esta cor e reflete as demais; já um objeto preto absorve todas as cores e o olho não consegue captar nenhuma radiação. Logo, a cor depende da luz. Sobre isso Farina afirma: “A dedução óbvia é a de que a cor não tem intensidade própria porque depende diretamente da luz. Ela é, na realidade, uma parte da luz. Se assim não fosse, poderíamos percebê-la mesmo no escuro” (2006, p.60). O mesmo autor ainda define:

Em termos de comunicação, diríamos que a cor, para existir, pressupõe:

emissor – objeto, cuja superfície reflete a luz;

codificador – condições físicas do objeto para refletir a luz;

canal – raio de luz;

mensagem – cor;

decodificador – aparelho visual do indivíduo;

receptor/ intérprete – cérebro do indivíduo. (FARINA, 2006, p.60).

A cor também é capaz de proporcionar sensações, pois quando estamos em um quarto de teto branco, por exemplo, este cômodo nos parece ser maior. Mas, se o mesmo teto estivesse pintado de alguma cor escura, ficaria menor e traria uma sensação de aperto ou aconchego, dependendo do tamanho do quarto. Temos aqui uma sensação (a cor), provocando outra sensação (espaçosa ou apertada).

Importante destacar que a relação que o homem faz com a cor ou o que ela provoca, depende das experiências vividas, do contexto do emprego, de uma associação direta ou indireta, de suas condições físicas e da influência cultural. O poder exercido pela cor no homem é tão real que Arnheim destaca em seu livro o experimento de Féré, que descobriu que “a força muscular e a circulação sanguínea aumentam com a luz colorida ‘na sequência que vai do azul (menos), passando pelo verde, amarelo, alaranjado até o vermelho’” (2007, p.358). Neste caso, esta relação é bem mais fisiológica e psicologia.

Para Bonsiepe (1986), a cor pode ser aproveitada para unificar, distinguir, camuflar, chamar atenção, estruturar, codificar, indicar, simbolizar, estilizar etc. Independente do emprego, do meio e do propósito, a cor trará sempre informação e/ou transmitirá ideias. Ela servirá como elemento artístico e informativo sem barreiras, porque ela não se utiliza da escrita, aumentando assim seu campo de atuação e seu público.

Bastante importante é a forma como a cor entra em nossas vidas, a sutileza está intimamente ligada a cultura do lugar. Por exemplo, a noiva tem que vestir branco porque o branco significa paz e pureza; quando criança o enxoval é azul (para meninos) e rosa (para meninas). Não se pode vestir preto na virada do ano, porque o preto é uma cor negativa, e é na passagem de ano que as cores recebem todo um destaque quanto ao seu significado, vermelho para paixão, amarelo para ter dinheiro no próximo ano, verde para esperança e assim as cores passam a ser o que Guimarães chama de “Cor informação”.

[...] considera-se a cor como informação todas as vezes em que sua aplicação desempenhar uma dessas funções responsáveis por organizar e hierarquizar informações ou lhes atribuir significado, seja sua atuação individual e autônoma ou integrada e dependente de outros elementos do texto visual em que foi aplicada (formas, figuras, texturas, textos ou até mesmo sons e movimentos, como em produtos multimídias). [...] (2003, p.31).

A cor pode ser utilizada como elemento artístico, dando preferência à estética ligada a expressão de valores culturais e espirituais; bem como pode ser utilizada conscientemente para transmitir informação. O semáforo de trânsito é um exemplo clássico. No *vermelho* pare, no *amarelo* preste atenção e no *verde* está livre, pode passar. Assim a associação destas cores junto às informações que representam é guardada pelo homem que tem acesso a elas e vive em locais que apresentam esta cultura e que inconscientemente as utiliza e expande para outras ocasiões.

Significativa também é a relação da cor com a memória. Dependendo da experiência vivida, da idade, da cultura, do gosto pessoal e inúmeros outros fatores, o ser humano tem a capacidade de relacionar a cor a algo vivido, lembrando assim do fato, quando na presença de determinada cor ou cores.

Independente da relação fisiológica, psicológica e da sensação, observamos que a cor exerce sim, influência na vida das pessoas, que ela está presente significativamente no nosso dia a dia, que pode transmitir informação e que como afirma Dondis: “[...] o fato é que revelamos muitas coisas ao mundo sempre que optamos por uma determinada cor.” (2007, p.70). Além da cor, outro elemento da comunicação visual que tem grande influência na nossa absorção da informação é a forma.

Forma, de um desenho a uma informação.

A *forma* que este Artigo se refere é aquela que dá “forma” aos objetos, ou seja, o contorno que eles apresentam. A sua configuração, o que na geometria se refere a um conjunto de retas que se interligam, construindo um desenho coerente e reconhecível, que pode ser repetida em diversos tamanhos, apresentando qualquer formato, seja ele abstrato, circular, quadrado etc.

Para o pintor Bem Shahn, citado em Arnheim (2007), a forma é a “configuração visível do conteúdo”, já para Arnheim, é a configuração dos objetos, percebida consciente ou inconscientemente, que tomamos para representar algo, sendo a forma do conteúdo. (2007). No dicionário *Aurélio* se define como “Os limites exteriores da

matéria de que é constituído um corpo, e que conferem a este um feitio, uma configuração, um aspecto particular.” (FERREIRA, 1995, p.799).

Donis A. Dondis (2007) afirma que, o formato que os objetos podem apresentar surge do ponto, pois esta é a unidade de comunicação visual mais simples e irreduzivelmente mínima. Qualquer desenho que se constrói nasce de um ponto ou remete a um. Quando se observa pontos dispostos em desenhos, inevitavelmente construímos uma ligação entre eles, assim os pontos se ligam principalmente quando postos em uma sequência lógica e são capazes de dirigir o olhar do espectador. Seguimos com olhar os pontos e esta capacidade aumenta quando o espaço entre eles diminuem. Quanto mais próximos eles estiverem, tornando-se impossível identificar a separação entre eles, forma-se outra unidade da composição visual, a linha.

A linha tem sua própria natureza e energia, ela nunca é estática. “Onde quer que seja utilizada, é o instrumento fundamental da pré-visualização, o meio de apresentar, em forma palpável, aquilo que ainda não existe, a não ser na imaginação. [...]” (DONDIS, 2007, p.56). A partir das linhas, existem três formas básicas: o quadrado, o círculo e o triângulo equilátero. Cada uma destas possui suas características específicas. Por exemplo, o quadrado apresenta a direção horizontal e vertical, o círculo a curva e o triângulo a diagonal. A partir da combinação destas formas e de suas variações é que são derivadas as infinitas formas que conhecemos.

Assim como para cada cor, as formas também possuem um significado. Ainda de acordo com o autor supracitado, ao quadrado associa-se enfado, honestidade, retidão e esmero; ao triângulo associa-se a ação, conflito e tensão; e ao círculo associa-se infinitude, proteção e calidez.

A explicação de como enxergamos as formas é bastante parecida com a maneira como vemos as cores. Diante de um objeto, a luz (que se propaga em linha reta) não pode atravessá-lo e esta mesma é refletida chegando até nossa retina, assim enxergamos somente a parte exterior do objeto e não as partes interiores (exceto os transparentes e translúcidos, que permitem a travessia do raio de luz). Pelo mesmo motivo da propagação em linha reta da luz é que não podemos enxergar os objetos e todas as suas dimensões, vemos um lado de cada vez.

Segundo Arnheim (2007) a memória de cada um pode interferir na maneira como vemos as coisas, pois se não lembramos como determinado objeto é, ele pode assumir outra forma, ou ainda, o autor acredita que as características de objetos familiares guardados na memória, podem influenciar a forma que se percebe e também fazer com que se pareça de maneira completamente diferente se sua estrutura permitir.

A influencia que a memória tem sobre a percepção da forma, pode ser aumentada quando envolve o gosto e a necessidade pessoal do observador. Existirá assim, uma grande tendência do observador notar a forma de seu gosto em outras diferentes, aplicando-a consciente ou inconscientemente. Arnheim considera a posição de Gombrich: “Quanto maior for a importância biológica que um objeto tem para nós, mais estaremos capacitados a reconhecê-lo – e mais tolerante será portanto nosso padrão de correspondência formal.” (ARNHEIM, 2007, p.43). E ainda completa exemplificando: “Um homem que espera sua namorada numa esquina vê-la-á em quase todas as mulheres que se aproximam, e esta tirania do traço da memória tornar-se-á mais forte a medida que os minutos passam. [...]” (ARNHEIM, 2007, p.43).

A forma ultrapassa os limites da linguagem verbal, uma vez que o desenho do objeto que ela representa pode ser compreendido em vários lugares que este mesmo objeto existe. Por exemplo, se você está em um país que não domina a língua e perde seu celular, se fizer o gesto com a mão esticando apenas o polegar e o dedo mínimo perto do ouvido, ou melhor, se desenhar o formato (imagem 04), as pessoas entenderão a que você está se referindo.



Imagem 04. Desenho de um celular.

A mente humana por si só, já procura rapidamente reconhecer padrões e formas e quanto mais simples for a forma, mas fácil de ser percebida ela será. Isto quando

aplicado somente em relação a forma. Por exemplo, um círculo é rapidamente identificado e percebido em relação a uma forma abstrata, mas quando envolve a questão de cor e posicionamento, esta afirmação torna-se relativa, uma vez que tanto a cor, como o tamanho e a posição influenciarão diretamente na percepção.

Quando a forma está inserida entre outras, sofre modificações, realizadas tanto pelo contexto, como pelo tempo ou sequência, se houver. Quando vemos uma imagem de um triângulo inclinado, a nossa tendência é inclinar um pouco a cabeça para observá-lo da “maneira correta”, já quando vemos um quadrado inclinado ele assume outra forma, a do losango, mas se este mesmo quadrado estiver dentro de um retângulo e ambos estiverem inclinados, veremos as duas formas de maneira torta e voltamos a inclinar a cabeça (imagem 05).

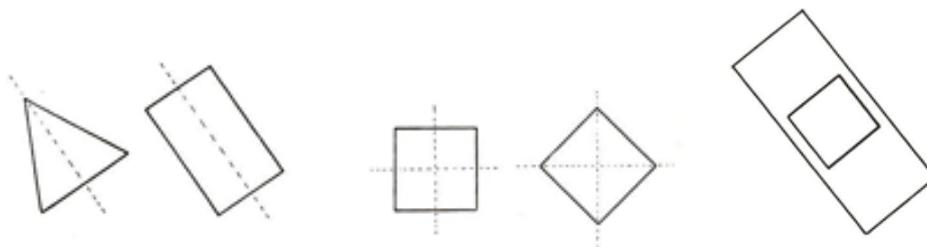


Imagem 05. A influência do contexto na visão da forma. Segundo Arnheim.

A semelhança entre as formas, de modo estrutural, é responsável pela união das mesmas, bem como servirá de pré-requisito para notar as diferenças. Por exemplo, quando temos um certo número de quadrados de dois tamanhos diferentes, a semelhança ao mesmo tempo que os matem ligados, reforça a diferença entre eles. É o que Arnheim (2007) chama de *agrupamento por semelhança de tamanho*. A semelhança também pode identificar objetos iguais, porém de tamanhos diferentes em meio a outros de outra forma.

Seja qual for a forma de um objeto, se ela é simples ou complexa, grande ou pequena, ela é responsável por manter viva a imagem deste objeto em nossa memória. A forma é responsável pela “cara” do objeto e encontra-se aí sua importância. Usada como elemento de diferenciação, sua utilização está presente em tudo que podemos enxergar, seja na arte, na arquitetura, em nossas roupas, joias etc.

A relação entre cor e forma se constitui de uma experiência bastante interessante para aquele que tem oportunidade de presenciar a junção destes elementos em obras artísticas, porque na cor temos uma relação subjetiva, que depende da alma, da crença, da cultura e do momento. Já na forma esta relação é mais objetiva, mais concreta, pois entra-se em contato com o objeto. “Na cor vivenciamos algo que se expande e nos liberta da gravidade. A forma tem algo de concreto, nos dá um sentimento de certeza e pode ser experimentada pelo olhar e pelo tato.” (GABARRA, 2009). A utilização e/ou mudanças na aplicação da cor e da forma pode causar reconfigurações, releituras e novas sensações, pode transformar algo aparentemente sem vida em um ponto enfático, despertando curiosidade e proporcionando diferentes sensações de contemplação estéticas e informativa.

A cor e a forma reconstruindo uma obra artística

Campina Grande é a segunda cidade mais populosa do Estado da Paraíba e fica a 120 Km da capital do Estado, João Pessoa. É reconhecida pela produção calçadista, indústria têxtil e pelo turismo. Campina se destaca na exportação de tecnologia e do algodão colorido, sendo conhecida internacionalmente. E é nesta cidade que encontramos nas proximidades do Açude Velho (carão postal de Campina), o monumento em homenagem a Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga (imagem 06), dois grandes ícones da música nordestina.



Imagem 06. Monumento histórico Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga, em Campina Grande - PB.

A obra do artista campinense João Pereira Passos é composta por duas estatuas de bronze que, sentadas a mesa, representam sua musicalidade. Jackson do Pandeiro é considerado o *Rei do Ritmo*, cantor e compositor do forró e do samba, é nacionalmente referenciado pelas suas composições. Já Luiz Gonzaga é o *Reio do Baião*, importante figura da música popular Brasileira que levou para todo o país, a tradição, a alegria; mas também a tristeza e a pobreza do sertão nordestino. Orgulho do povo do nordeste, estes cantores representam, para a maioria dos nordestinos, a força e a coragem para vencer na vida.

Presente no cotidiano dos campinenses, este monumento já faz parte da paisagem urbana da cidade e muitas vezes não é percebido por parte da população que já se acostumou com o ponto turístico. Pois, mesmo com toda a beleza e a riqueza de detalhes, os monumentos da cidade de Campina Grande representam o conceito de dureza e de tradição, com seus materiais pesados e densos, de cores frias. Para quebrar a solidez e as tonalidades sóbrias da obra de Passos, o também artista campinense André Santos criou uma releitura deste monumento exibida em tela, que foi exposta na cidade de Campina Grande no SESC Centro no mês de novembro do ano 2009 e em seguida ficou em exposição Museu de Artes Assis Chateaubriand (MAAC).

Com o objetivo de utilizar principalmente os elementos da comunicação visual: cor e forma, e de proporcionar ao leitor uma sensação diferente da visualização já

conhecida do monumento histórico, André Santos produziu uma tela de 50x70 cm, pintada a tinta óleo e com aplicação de lápis de cor de madeira de vários tamanhos (imagem 07). A intenção do projeto era proporcionar uma nova vivência de uma obra artística já conhecida. De estimular a imaginação, criar novas sensações e proporcionar uma vivência diferente.

Para as cores, o artista utilizou as tonalidades mais vivas, aquelas que vibram e estão intimamente ligadas ao sentimento de alegria e ênfase, compondo uma visão totalmente diferente do cenário sóbrio que a escultura de Passos transmite. A contradição entre as tonalidades da tela e do monumento de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga é percebida logo na primeira leitura e o colorido, além de informar, na obra de André Santos é o grande responsável por capturar a atenção do leitor, que não consegue deixar a tela passar despercebida. O céu permanece azul, fazendo referência a realidade e servindo de suporte para os pássaros e para o sol. Mas, o chão é laranja, vermelho e amarelo, pois as temperaturas altas e a seca no sertão são fatores constantes, bem como essas cores são fortemente associadas ao calor e a energia e são conhecidas como cores quentes, pois favorecem esta sensação. A região também é caracterizada pelo sol forte amarelo e pelos cactos verdes na tela, pois são símbolos desta terra.



Imagem 07. André Santos. *Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga*.

Para Farina (2006), a cor exerce uma ação tripla: a de *impressionar*, a de *expressar* e a de *construir*. “A cor é vista: impressiona a retina. E sentida: provoca uma emoção. E é construtiva, pois, tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem própria que comunique a ideia” (2006, p.13).

Os cantores mencionados na tela de Santos ganham vida e parecem saltar do quadro com os contornos ora retilíneos, ocasionados pela utilização dos lápis de cor, ora curvilíneos pelo traço da pintura. Jackson do Pandeiro pode ser identificado pelo seu habitual pandeiro na mão e seu chapéu coco; já a representação de Luiz Gonzaga foi realizada por meio da sanfona e também pelo seu chapéu de cangaceiro, uma de suas marcas registradas. O movimento do corpo proporcionado pelas formas escolhidas junto as cores variadas e vibrantes da tela resulta em uma sensação de alegria ao leitor: os sorrisos estampados nas estatuas de bronze foram aqui mencionados na obra inteira.

As linhas são curvas e de diferentes tamanhos, o que contribui ainda mais para a sensação de movimento. O encontro destes elementos visuais acontece no meio da tela e justamente por isso levam o olhar do leitor até os personagens, criam uma leitura dinâmica e dão profundidade ao quadro.

O emprego dos lápis de cor demonstra objetos que são utilizados para fazer arte e neste quadro compõe a própria arte. Eles também fazem referência ao cotidiano, aquele mesmo cotidiano que o monumento histórico encontra-se inserido. Assim, a reflexão é apresentada ao leitor: percebemos mais se utilizamos cores e formas diferenciadas? A sensação mudou? Qual a sensação que temos ao ver o quadro? É a mesma quando vemos as esculturas? Como o monumento histórico será percebido depois do contato com esta obra?

É claro que o entendimento da mensagem que está sendo transmitida pela tela de André Santos depende de vários fatores: culturais; de gênero; crença; conhecimento sobre os personagens que foram retratados; sobre o próprio monumento histórico entre outros. Além destes fatores, a própria relação do leitor com a imagem escreve o modo como ele absorve a informação, seu momento de vida (situação econômica, idade) e o próprio ambiente em que vive.

Considerações Finais

Todos os dias o homem tem contato com um número significativo de imagens, em poucas horas adquire conhecimentos e constantemente julga a importância das informações que recebe. É nesta sociedade caracterizada pelo grande número de informações que estamos inseridos, cuja velocidade da atualização surpreende e gera questionamentos. As novas tecnologias não param de surgir e hoje receber notícias sobre acontecimentos do outro lado do mundo em tempo real não é mais uma novidade.

O aprendizado e as dúvidas sobre determinado assunto podem ser resolvidos no tempo de um ou dois cliques, quase tudo que é preciso saber encontra-se a disposição, basta procurar em um *site* de busca. E é através desta modernização que o crescente número de imagens disseminadas aumenta significativamente.

Com a quantidade de informação não verbal que recebemos, faz-se necessário conhecer e estudar a Comunicação através das figuras. Saber o que uma imagem representa e adquirir conhecimento significa estar atualizado, apto a absorver e, por conseguinte, analisar criticamente as informações.

É importante citar também que a reflexão sobre a arte e os questionamentos que ela proporciona não pode ser esquecida. Parar de perceber as manifestações artísticas que nos circundam, como os monumentos históricos, as intervenções urbanas, as instalações entre outros, não permite a evolução do senso crítico, nem a absorção do conhecimento.

A reflexão sobre os elementos que compõe estas manifestações, deve ser uma atividade constante e estimulada, pois entender não só o todo, mas perceber que cada elemento da comunicação visual tem algo para informar, nos permitirá compreender melhor a mensagem do autor, permitirá realizar comparações que auxiliam o crescimento intelectual e podem gerar uma sensação que, as vezes, nem conseguimos imaginar.

A releitura de André Santos não é apenas uma obra de arte, é também uma crítica ao comodismo do homem em relação a sua própria história e cotidiano. Sua obra nos faz questionar se é necessária a exposição de uma nova visão sobre determinado monumento histórico para que possamos percebê-lo novamente ou pela primeira vez. O

ser humano através de suas características visuais procura sempre deixar a narrativa de sua história no ambiente em que vive, e seus sucessores tem o dever de aprender com ela.

Referências

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma Psicologia da visão criadora**. Trad. Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

BONSIEPE, Gui (Org). **Estrutura e estética do produto**. Brasília: CNPQ, 1986.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FARINA, Modesto *et. al.* **A Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

GABARRA, Annelvira. **Forma e Cor**. Disponível em: <http://www.alumiar.com/alumiar/arte/77-geral/953-formaekor.html>. Acessado em: 05. Abr .2009.

GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia: a organização de cor-informação no jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

PEDROSA, Israel. **O universo da Cor**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2003.

Imagens

Imagem 01. Claude Monet. *A Estação de Saint-Lazare*, em 1877. Disponível em: <http://mazoleite.com.br/?p=628>. Acesso em: 05 mar. 2013.

Imagem 02. Marcel Duchamp. *Roda de bicicleta*, em 1913. Disponível em: <http://thefacepainters.blogspot.com.br/2012/08/rachel-hecker-at-camh-houston.html>. Acesso em: 05 mar. 2013.

Figura 03. *Processo de visão da cor*. Disponível em PEDROSA, O universo da Cor, 2003.

Imagem 04. *Desenho de um celular*. Disponível em: <http://gartic.uol.com.br/nataliah/desenho-jogo/1229496331>. Acesso em: 12 mar. 2013

Imagem 05. *A influência do contexto na visão da forma*. Segundo Arnheim. Disponível ARNHEIM. *Percepção Visual*, 2007.

Imagem 06. *Monumento histórico Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga*, em Campina Grande - PB. Fotografia de Igo Paulino. Disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/2455438>. Acesso em: 25 mar. 2013

Imagem 07. André Santos. *Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga*, em 2009. Fotografia de Vito Quintans, cedida para o artigo.